

SALAMANCA DO JARAU
UMA VISÃO PESSOAL E CONTEMPORÂNEA

Walmor Corrêa

2008

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

Nombre y Apellidos:
WALMOR CORRÊA

Lugar y Fecha de Nacimiento:
FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA - BRASIL, 1961.

Teléfono:
(51) 3346 2768 / 9334 8624

Correo Electrónico
wbc9@terra.com.br
walmorcorrea@gmail.com

Dirección
RUA 24 DE OUTUBRO, 544 / 61 - MOINHOS DE VENTO
PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL - CEP: 90510-002

Población
1,42 milhões de habitantes

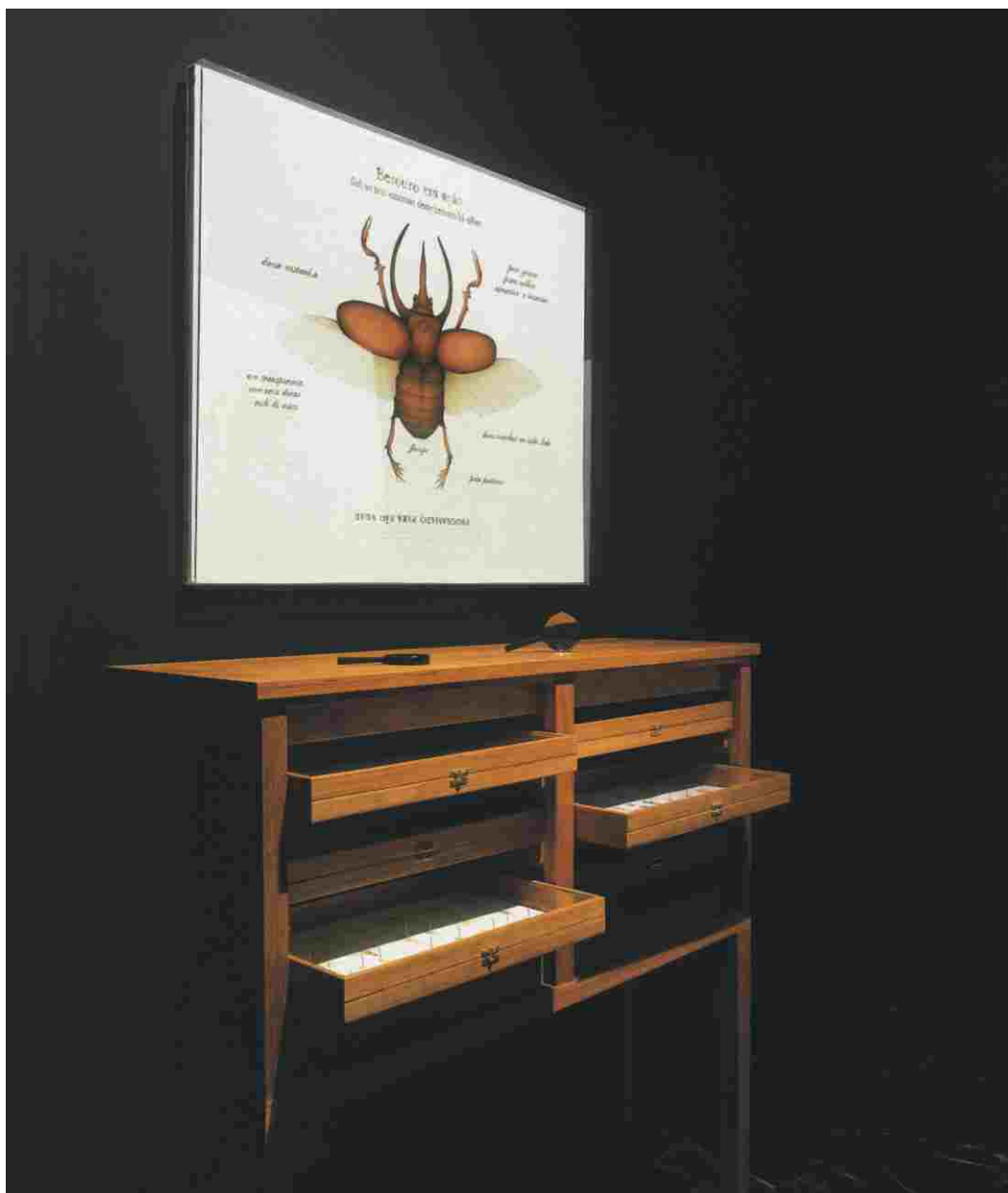
DOCUMENTACIÓN ANEXA:

- 01) FOTOCÓPIA DO PASSAPORTE
- 02) DOSSIÊ GRÁFICO E DOCUMENTAÇÃO
- 03) TEXTOS
- 04) PROJETO
- 05) CURRÍCULO

FOTOCÓPIA
PASSAPORTE



DOSSIÊ GRÁFICO
E DOCUMENTAÇÃO



Besouro

Acrílica e grafite sobre tela

80 x 110 x 06 cm

2002

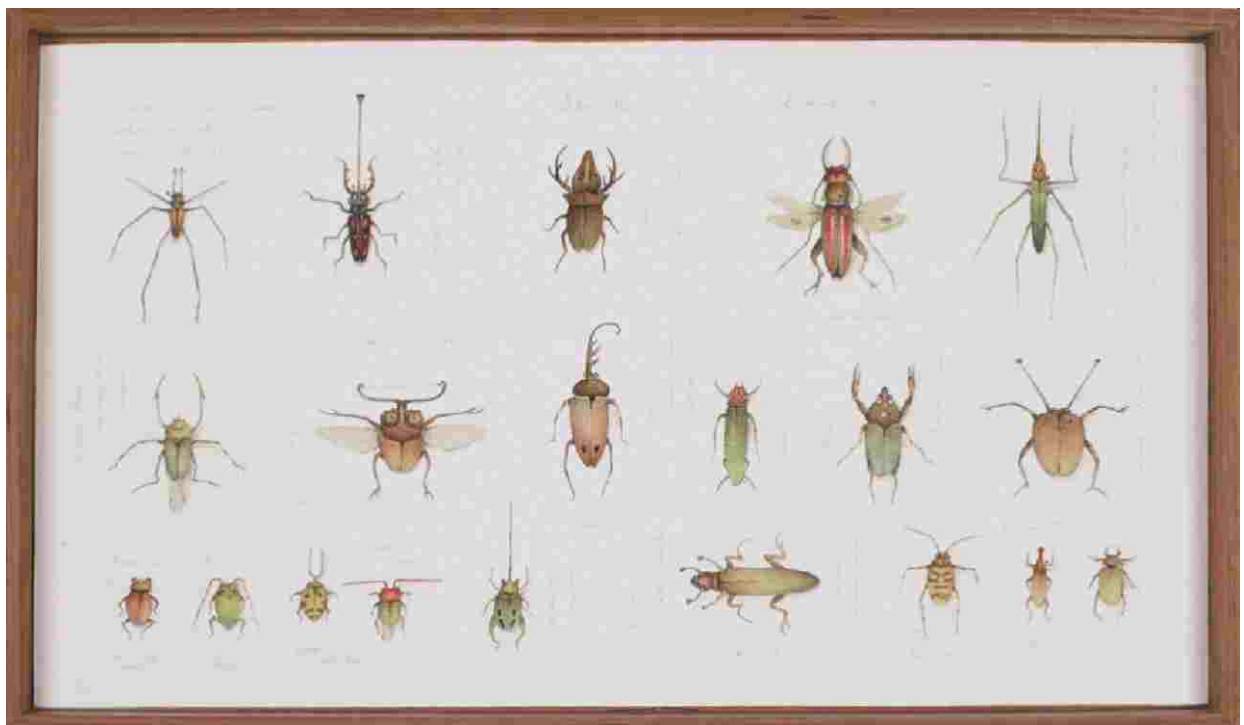
Gaveteiro Entomológico

Série Catalogações

Acrílica e grafite sobre tela

140 x 140 x 40 cm

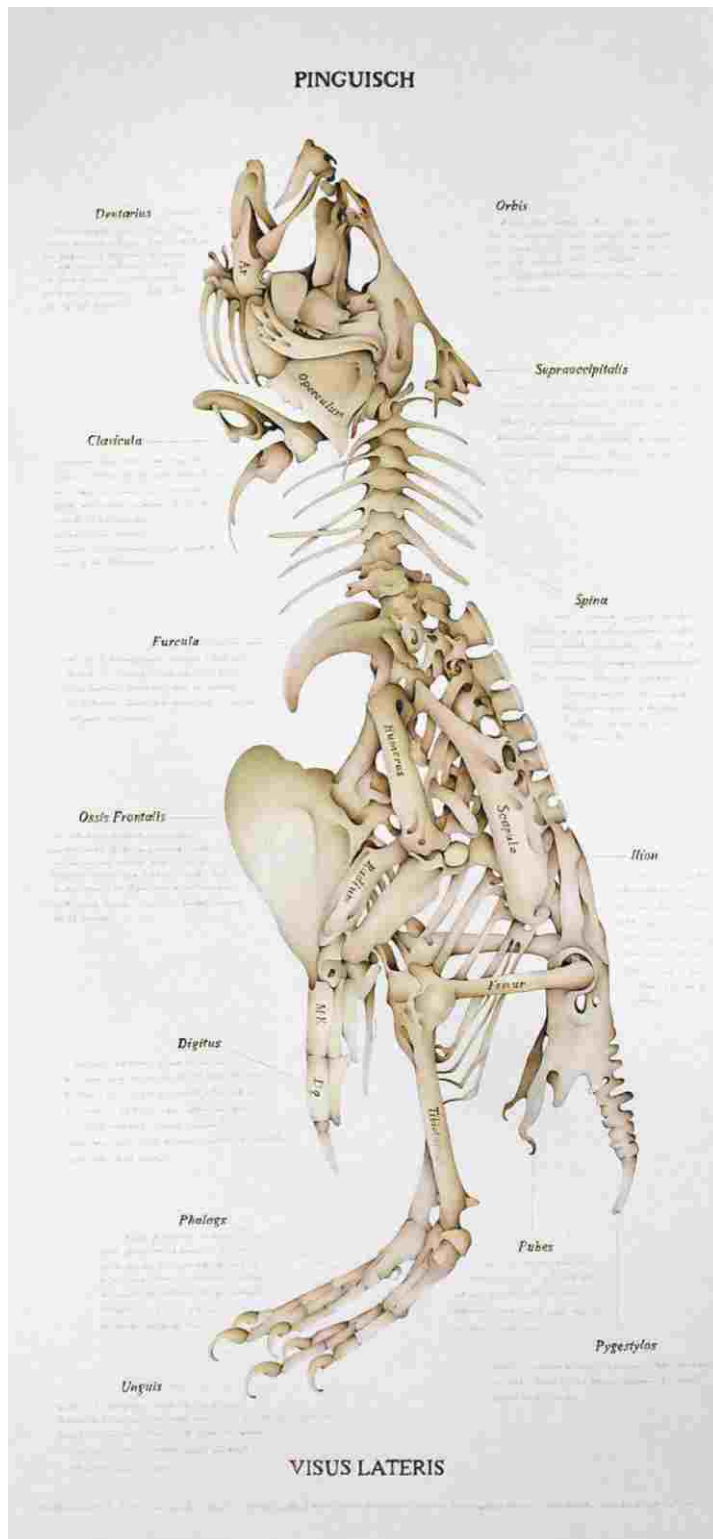
2002/2003



Gaveta Entomológica
Acrílica e grafite sobre tela
35 x 60 cm
2003

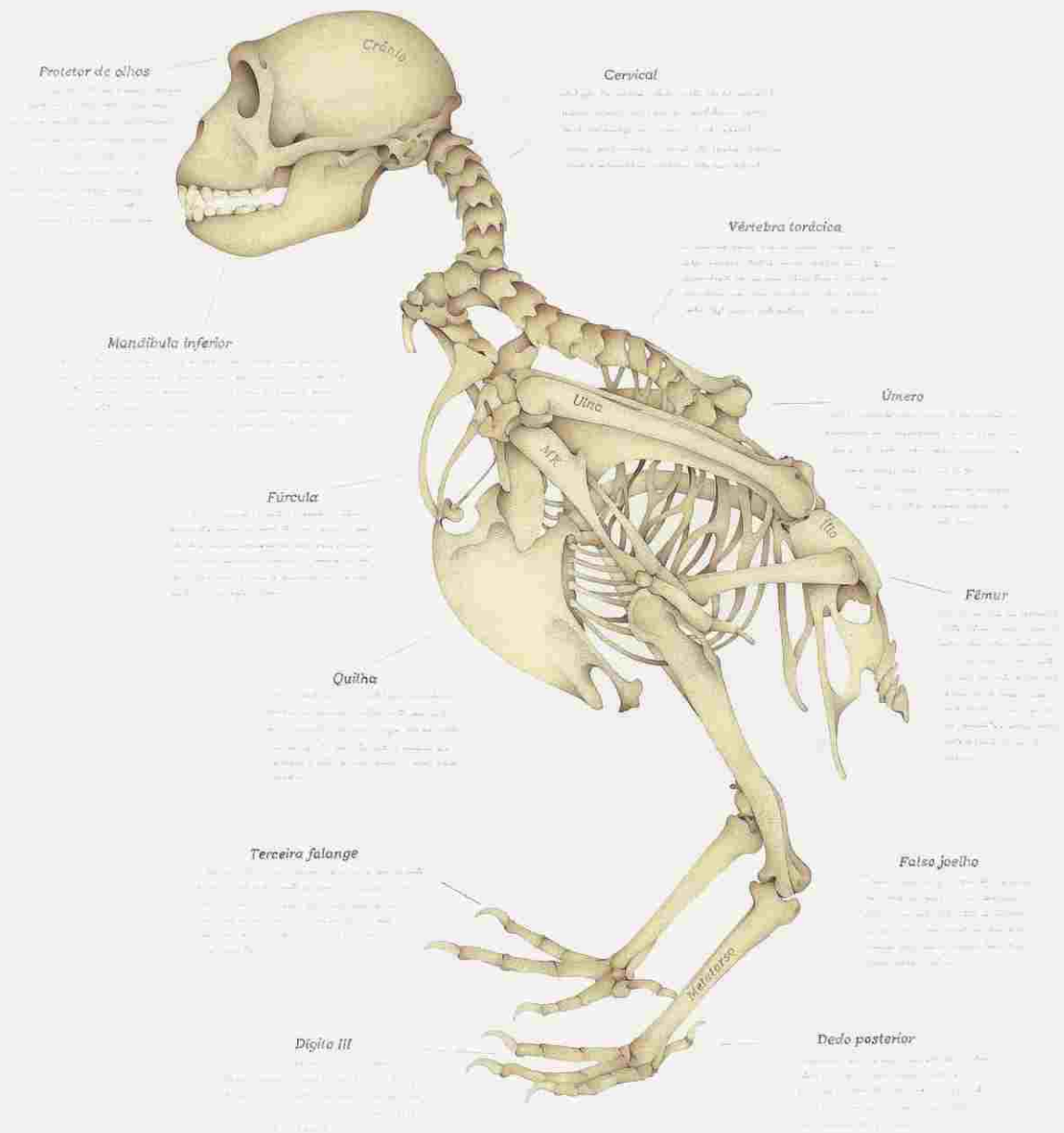


Apêndice XII
 Série Catalogações
 Acrílica e grafite sobre tela
 80 x 80 x 02 cm
 2004



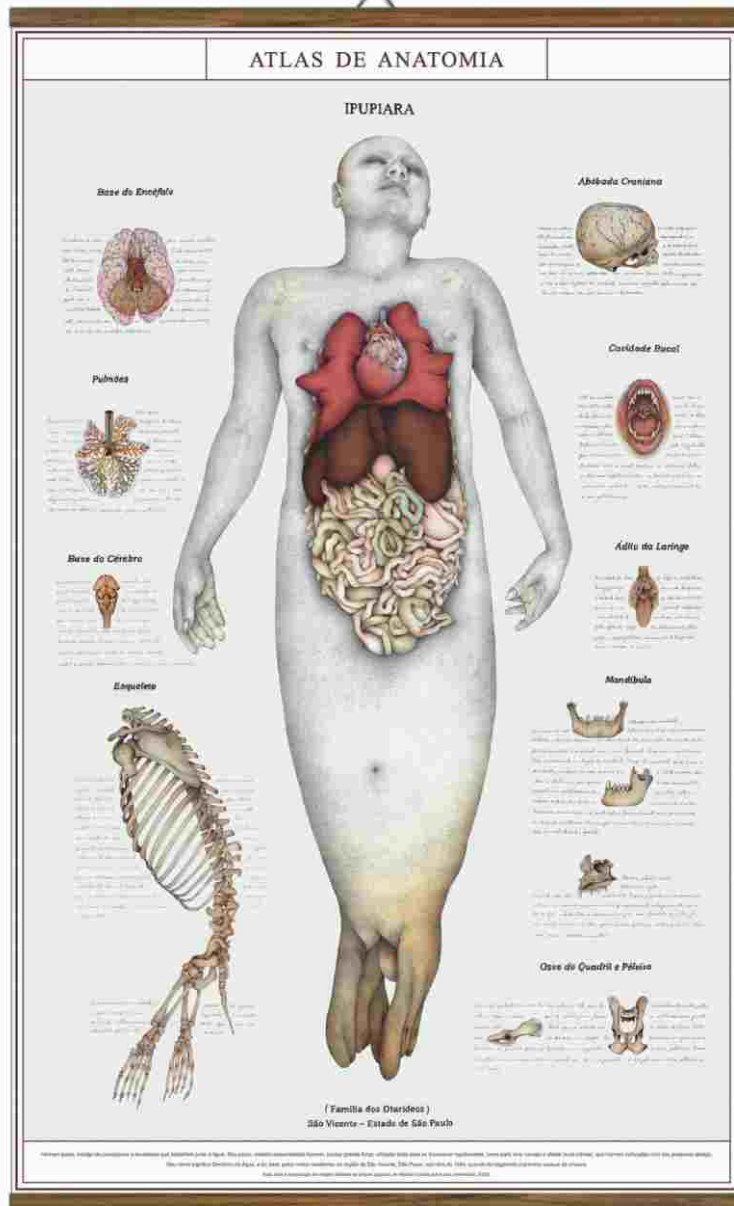
Pinguisch
Série Catalogações
Acrílica e grafite sobre tela
90 x 170 x 03 cm
2004

APTERIGIFÓRMES ACO II

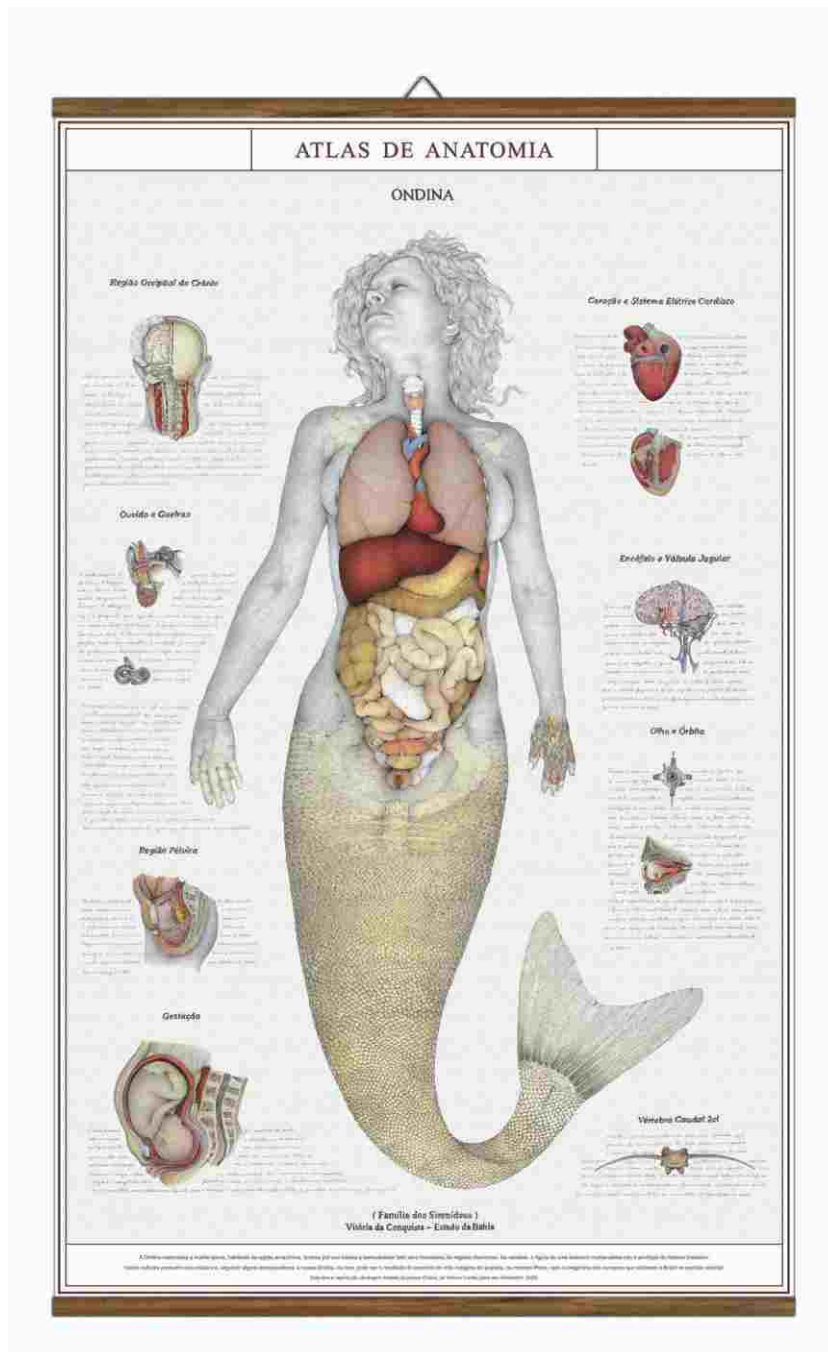


ADSPECTUS LATERIS

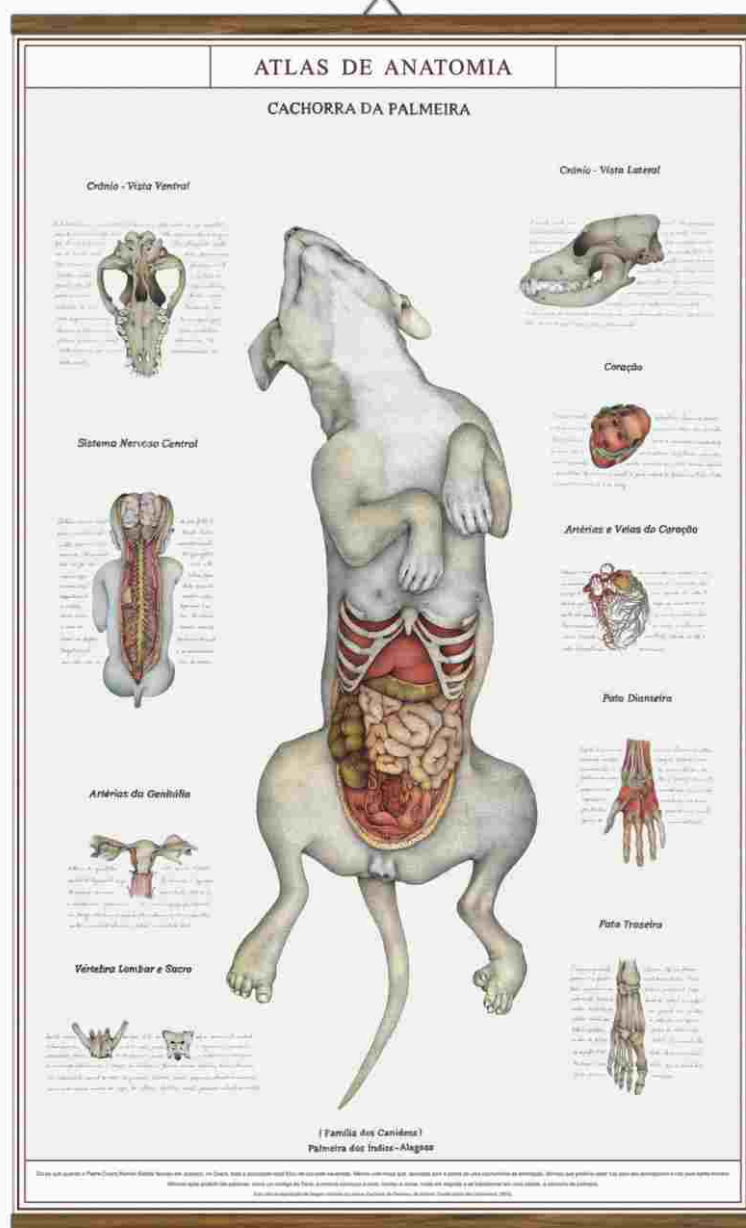
Parte Óssea / Apêndice IXI
Série Catalogações
Acrílica e grafite sobre tela
160 x 140 x 03 cm
2004



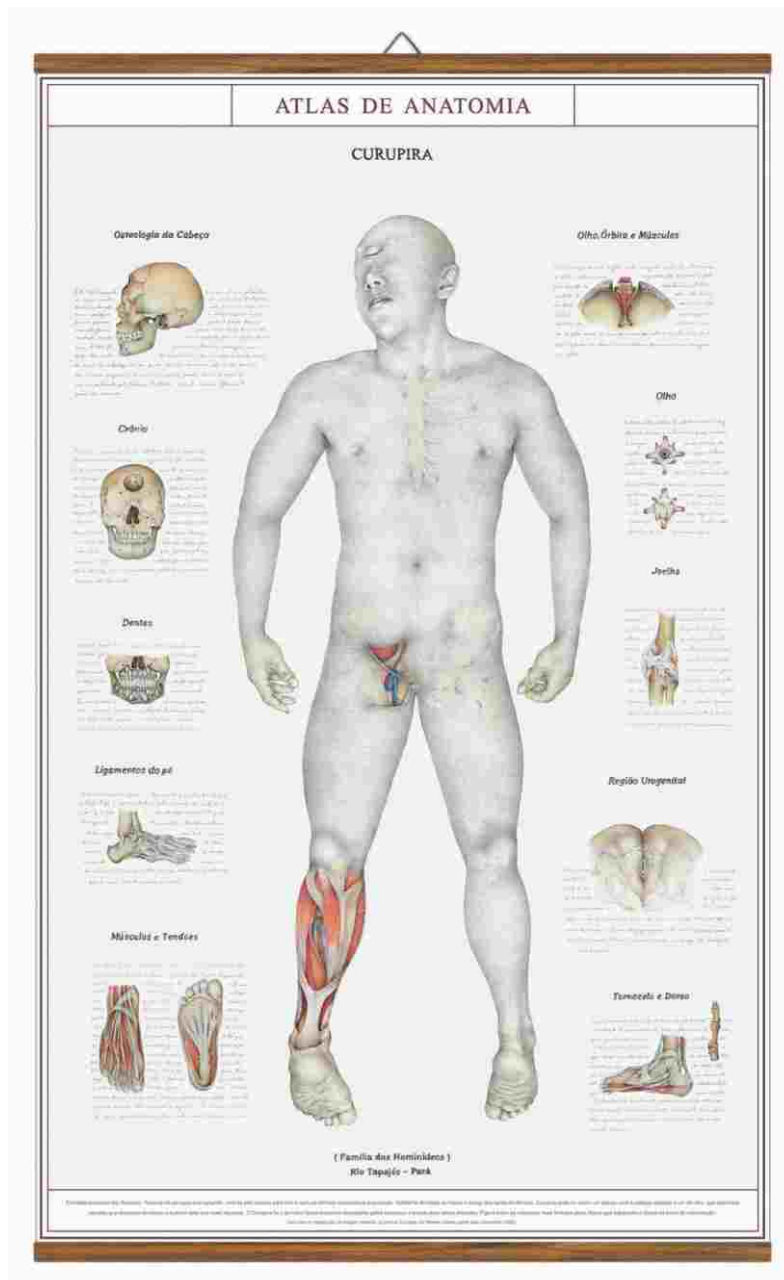
Atlas de Anatomia - Ipiupira
Impressão sob papel somerset velvet
148 x 90cm
2007



Atlas de Anatomia - Ondina
Impressão sob papel somerset velvet
148 x 90cm
2007



Atlas de Anatomia - Cachorra da Palmeira
Impressão sob papel somerset velvet
148 x 90cm
2007



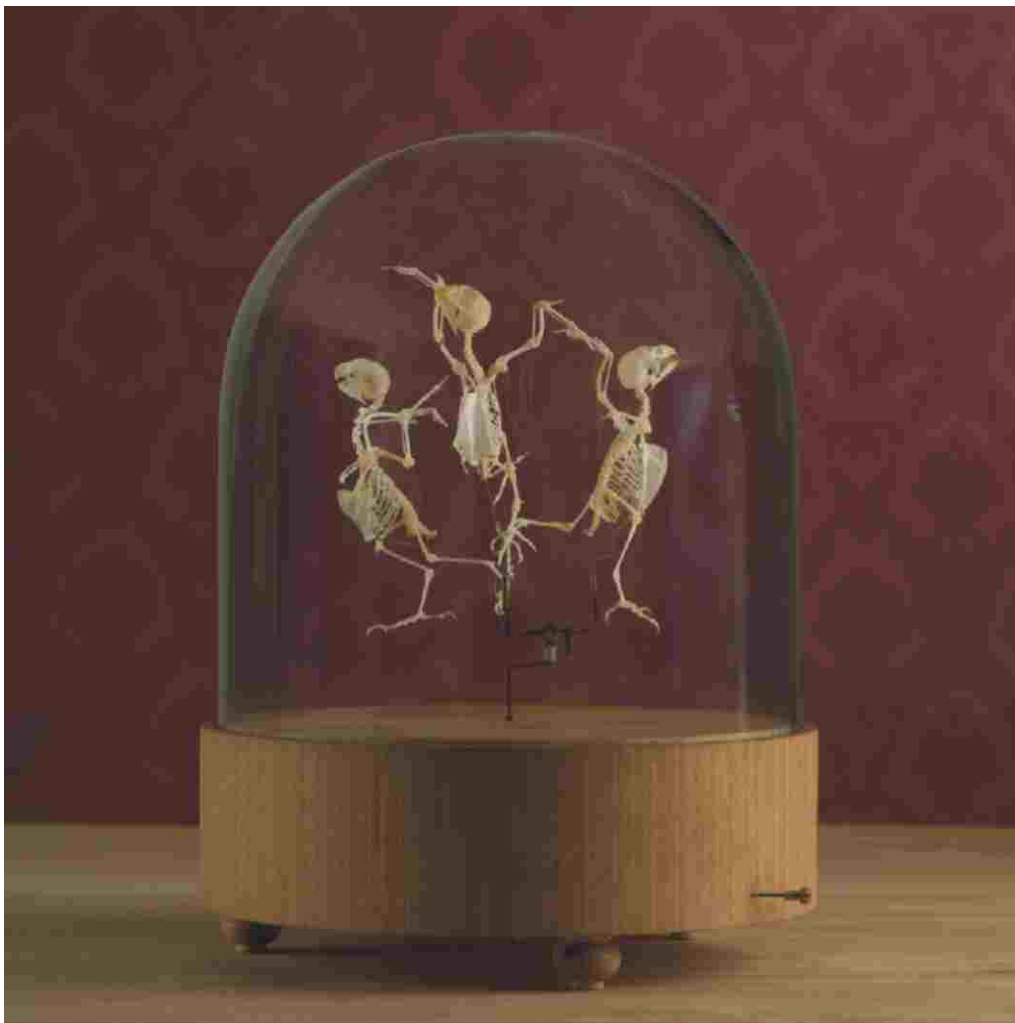
Atlas de Anatomia - Curupira
 Impressão sob papel somerset velvet
 148 x 90cm
 2007



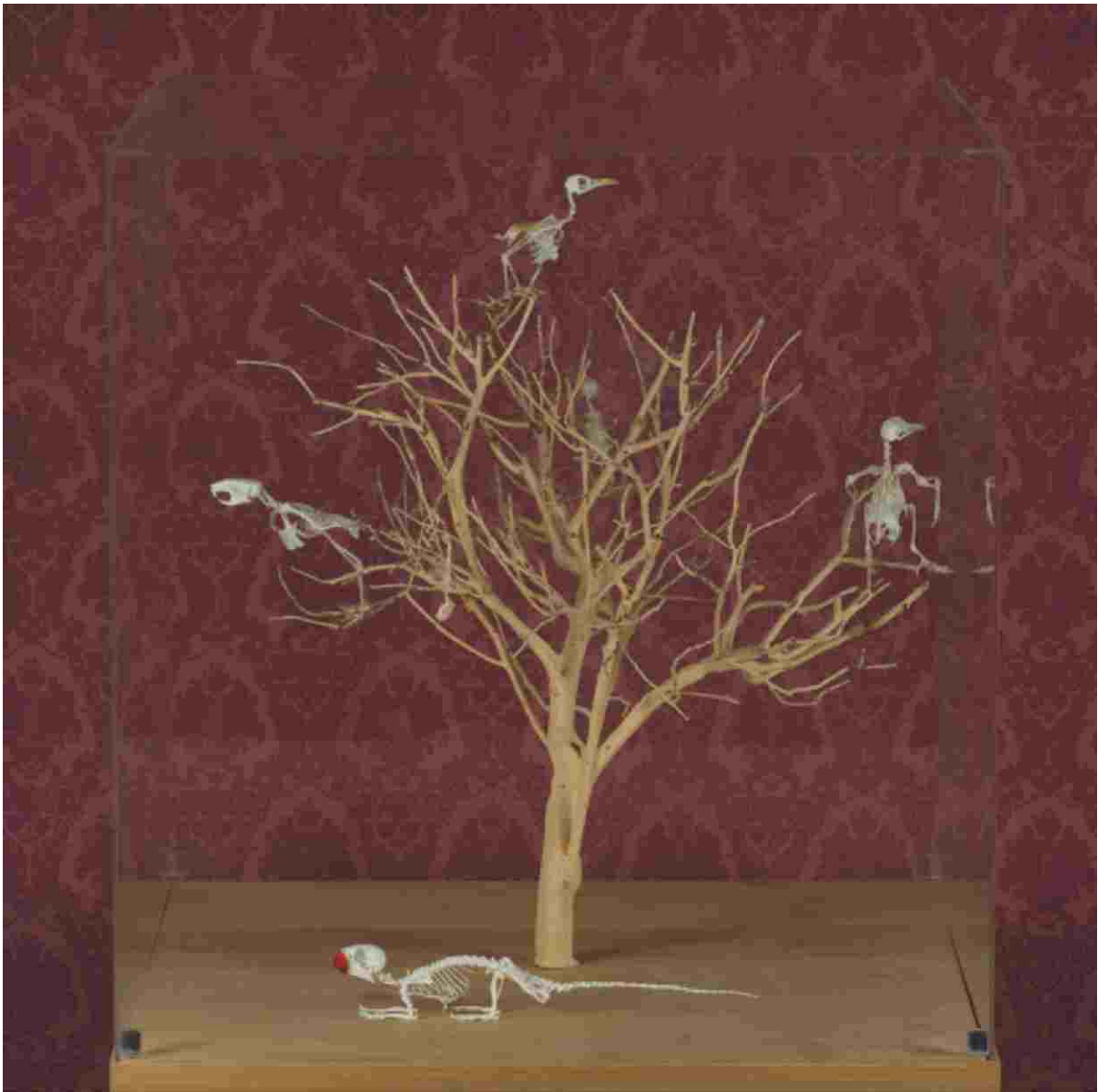
Você vai ficar na saudade minha senhora - caixa de música 3
26 x 36 cm
2007



Instalação Memento Mori
2007



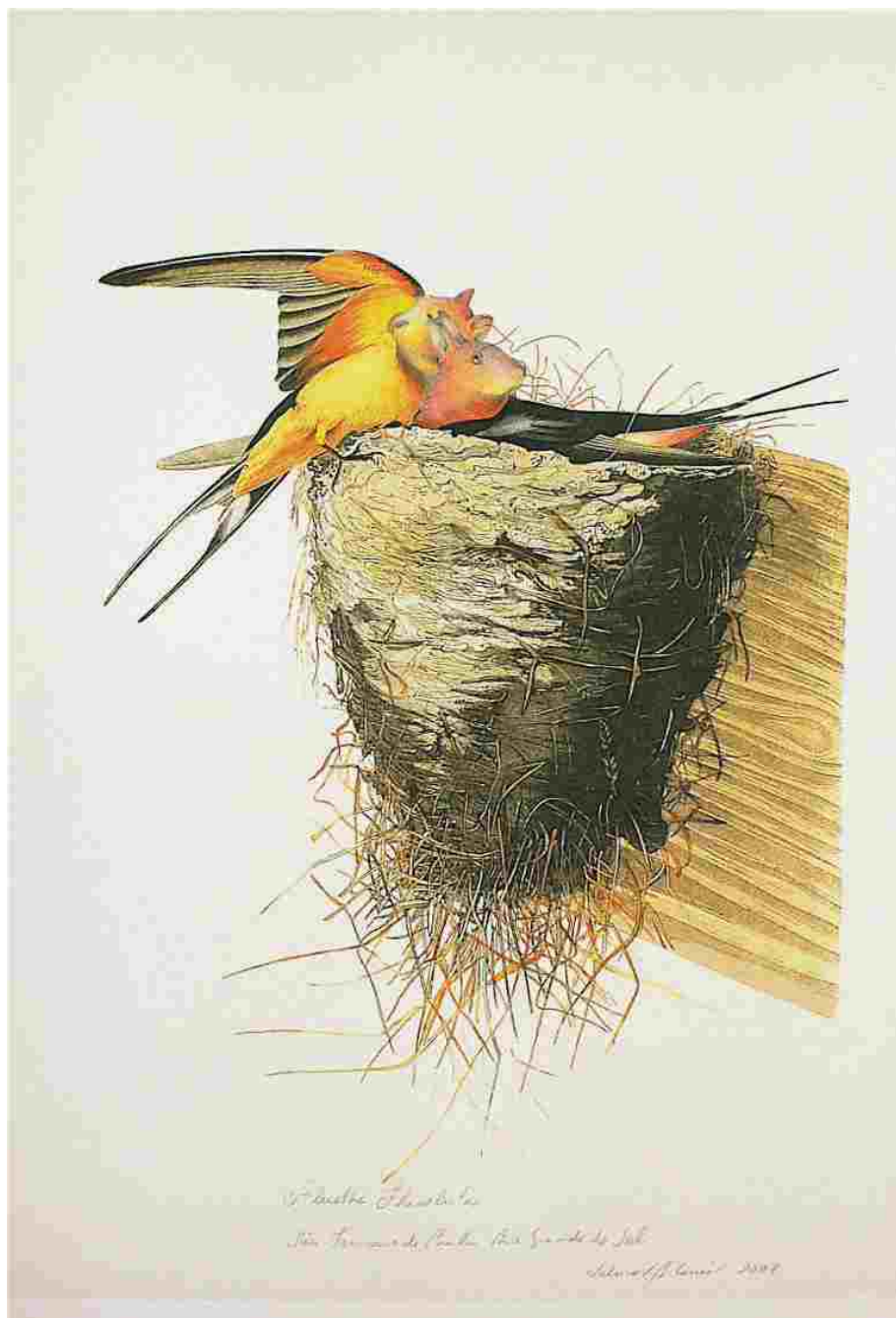
Você vai ficar na saudade minha senhora - caixa de música 1
26 x 36 cm
2007



Árvore
39,5 x 109,5 x 40 cm
2007



Möwe Mit Krallen
35 x 42,5 x 29 cm
2006



Metamorfose Perpétua – Série Itaparica
desenho/gravura
40 x 30 cm
2007



Metamorfose Perpétua – Série Itaparica
desenho/gravura
40 x 30 cm
2007



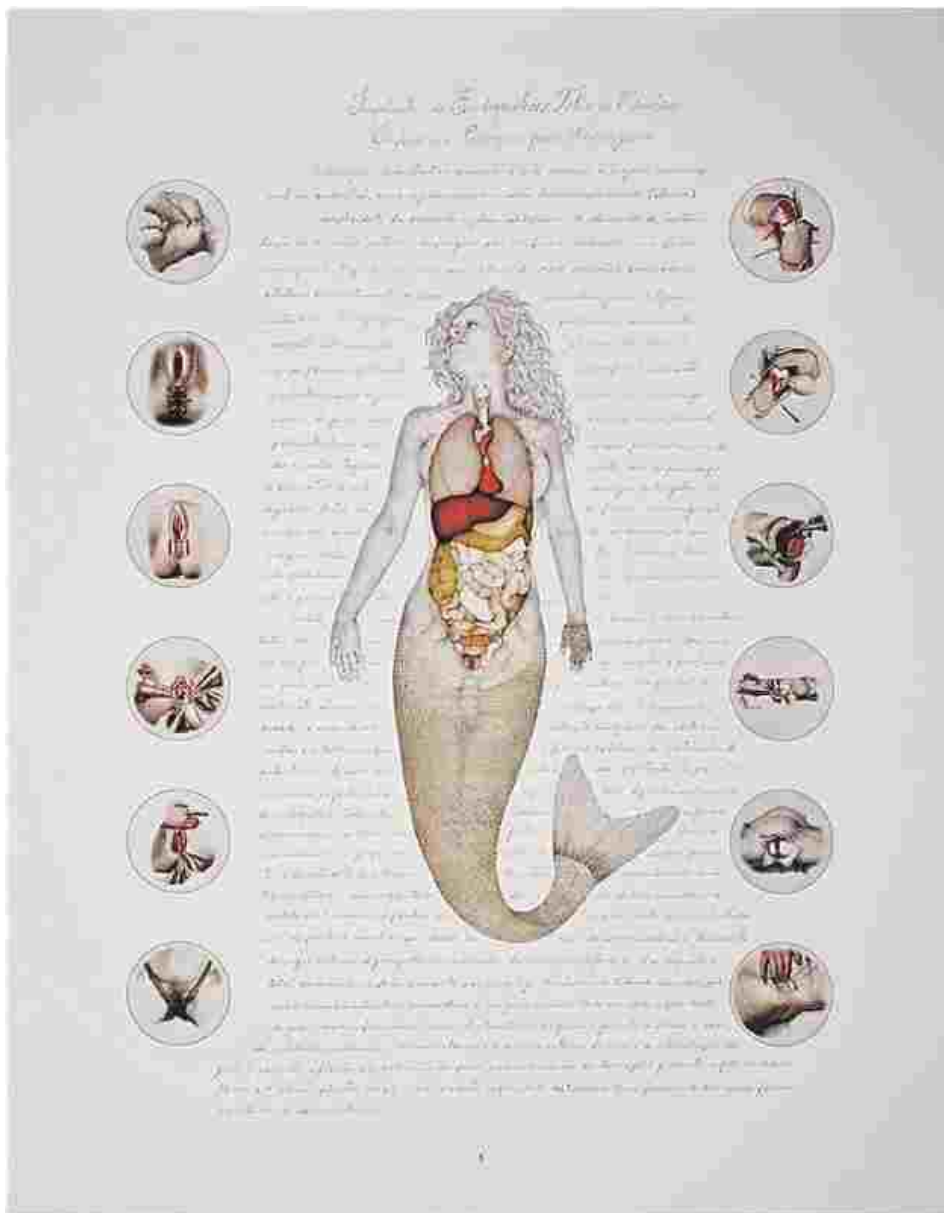
Metamorfose Perpétua – Série Itaparica
desenho/gravura
40 x 30 cm
2007



Metamorfose Perpétua – Série Itaparica
desenho/gravura
40 x 30 cm
2007

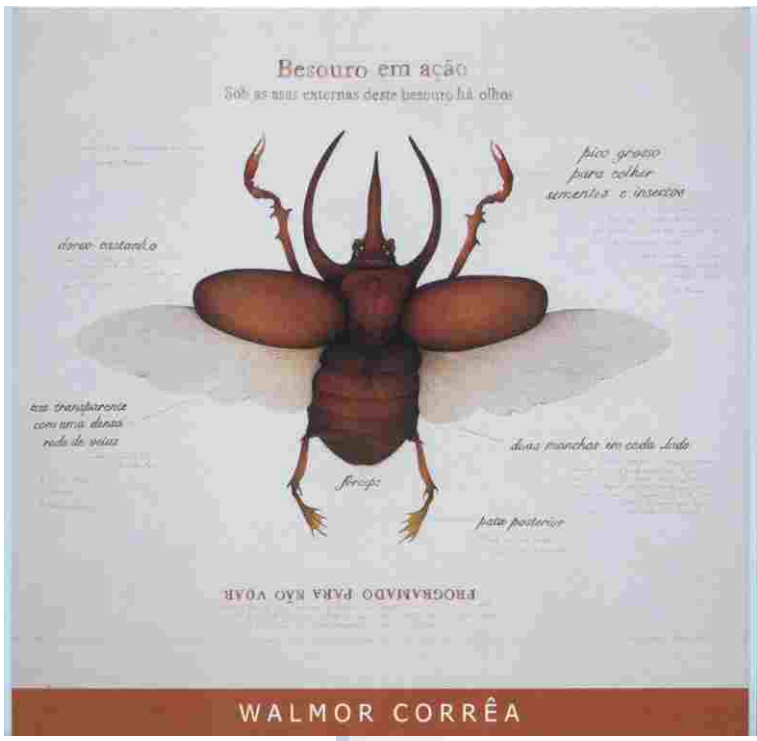


Metamorfose Perpétua / Taxidermia – Série Itaparica
desenho e taxidermia em caixa entomológica
36 x 26 cm
2007



Cirurgia de neovagina e implantes de endopróteses totais
Desenho sobre papel
80 x 50 cm
2008

CONVITES E PUBLICAÇÕES



CONVITE EXPOSIÇÃO
 NATUREZA PERVERSA
 MARGS - Porto Alegre - Brasil
 2003

Foto: Fabian Del Rio

A Secretaria de Estado da Cultura e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli convidam para a abertura da exposição

NATUREZA PERVERSA

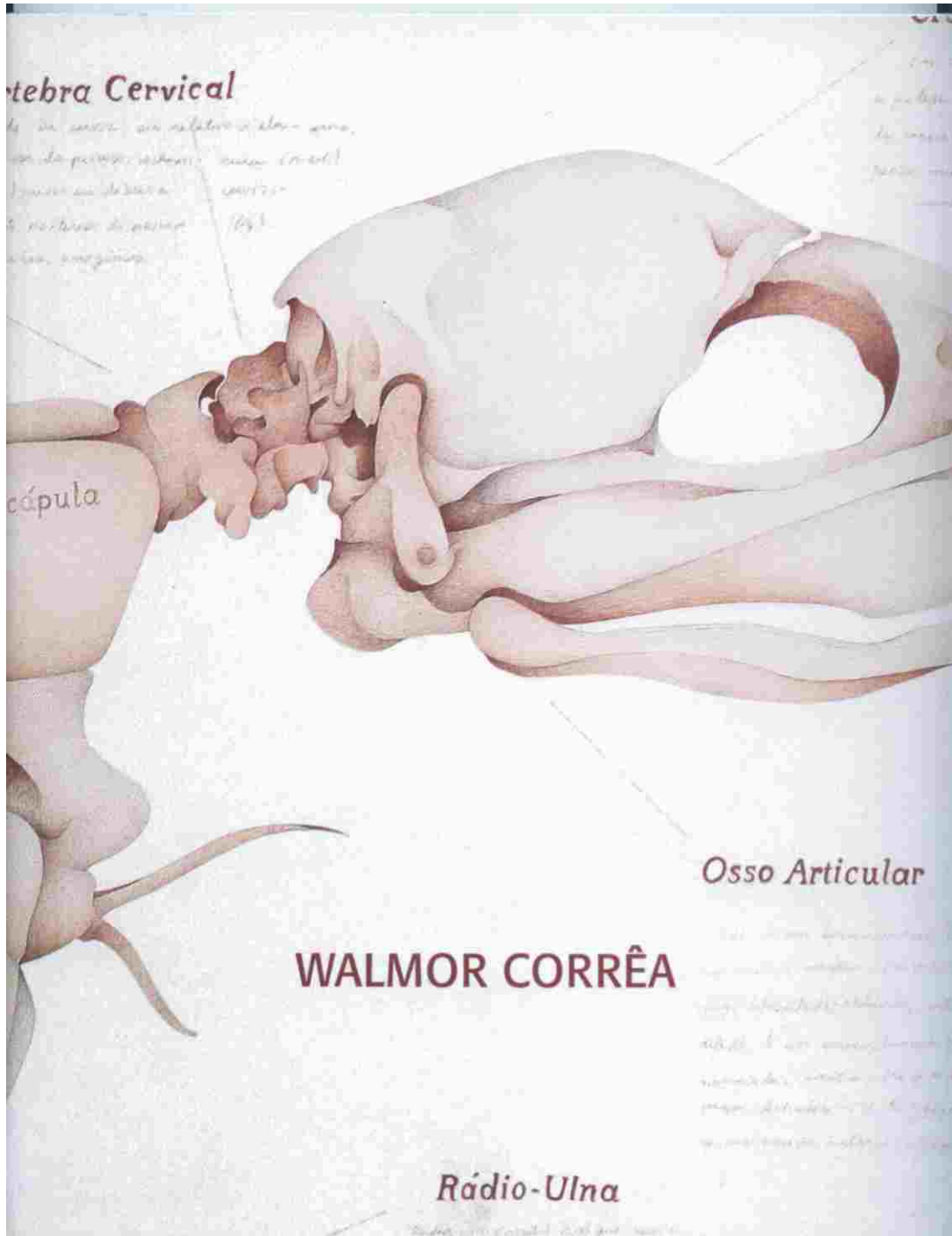
Terça-feira, 12 de agosto de 2003, das 19 às 21h, Salas Negras.

Encontro com o artista dia 14 de agosto de 2003, às 14h30min, no auditório do MARGS.
 Período da exposição: de 13 de agosto a 14 de setembro de 2003.
 Visitação: de terça a domingos, das 11h às 19h.

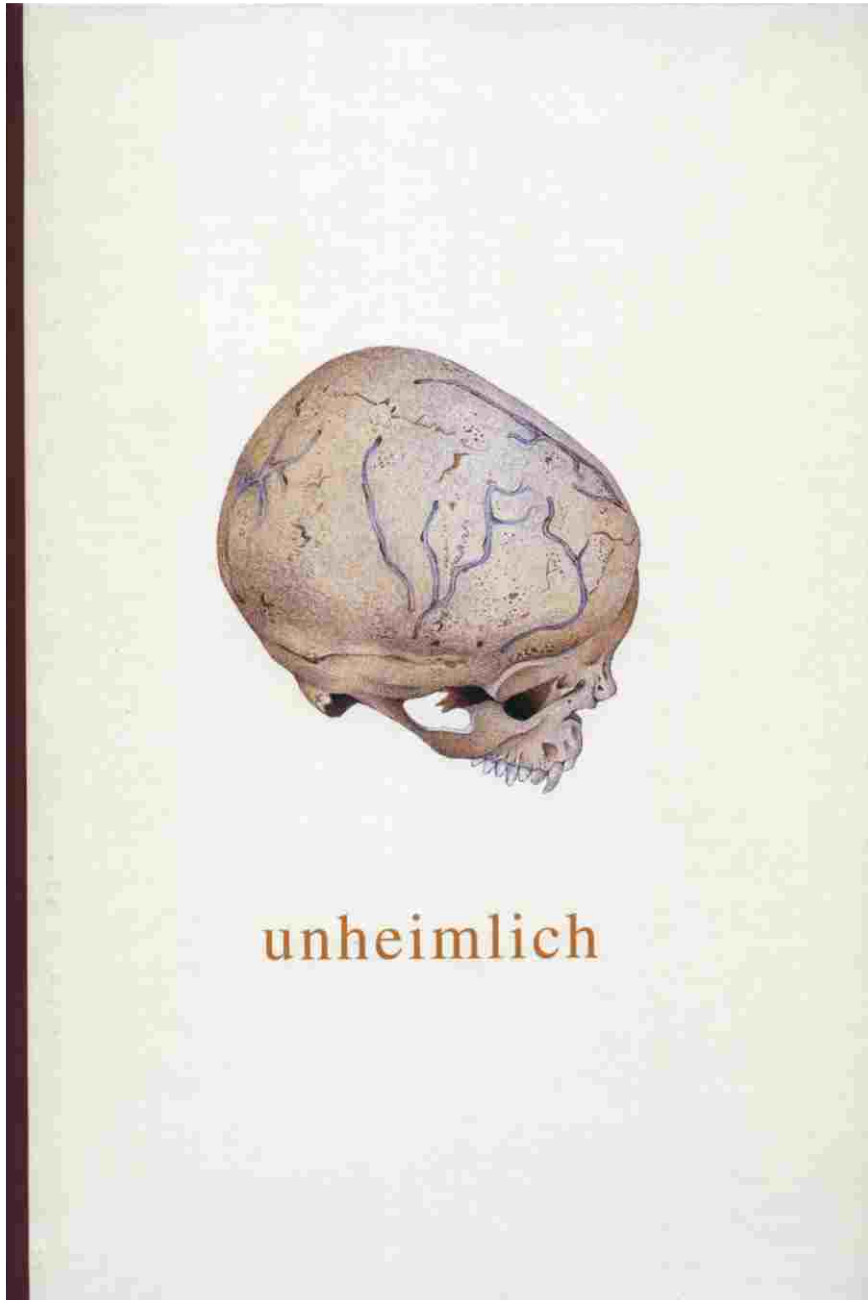
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
 Praça da Alfândega, s/nº - Fone: (51) 3227 2311 - Fax: (51) 3221 2646
 e-mail: museu.margs@tema.com.br - site: www.margs.org.br
 CEP 90010-150 - Porto Alegre - RS

Apoio:

Realização:



LIVRO NATUREZA PERVERSA
2002



LIVRO MEMENTO MORI
2006



CONVITE EXPOSIÇÃO
MEMENTO MORI
Instituto Goethe
Porto Alegre - Brasil
2007





CONVITE EXPOSIÇÃO
COLAGENS CONTEMPORANEAS
Instituto de Artes da Ufrgs
Porto Alegre - Brasil
2004

A NATUREZA GENEROSA E PERVERSA DAS CRIATURAS TRANSITÓRIAS DO MUNDO E DA ARTE

Bianca Knaak

Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte pelo IA/UFRGS

No universo particular de Walmor Corrêa, encontramos uma miríade de elegantes e absurdos animais, onde o artista pode revelar todo seu prazer criador. Criaturas bizarras, híbridas, metamorfoseadas, alucinações, ilusões bem humoradas, são tentativas de definição e classificação de sua obra. Numa amostragem embrionária o público gaúcho pôde conferir o mote inicial dessa exposição na coletiva *Apropriações/Coleções*¹. Agora em *NATUREZA PERVERSA*, exposição individual², seu trabalho se mostra generosamente ao público, seduzindo, encantando e desafiando idéias e sorrisos. Não é preciso ser um especialista em arte para reconhecer todo valor desse artista e as múltiplas abordagens que seu trabalho permite.

Num tempo dominado por cânones autoritários da instituída arte contemporânea, onde por vezes a mão do artista está proibida de tocar sua obra, Walmor se esbalda no domínio técnico de seu desenho e pintura. Reconhecemos nesse fazer heteróclito toda a tradição de um sistema das artes que se estrutura a partir da pintura figurativa. Walmor se vale da tradição mais explícita da história da arte para a invenção de seu trabalho: desenho, pintura, tela, representação naturalista, descrição analítica, legitimação acadêmica, perspectiva geométrica e, literalmente, ilusão de ótica. Muita ilusão de ótica. A precisão elegante do seu gesto cativa nosso primeiro olhar. Em seguida essa mesma competência figurativa se torna um argumento estético vigoroso para instauração de sua poética. Encontramos um certo elogio da mão, através da técnica dominada com maestria e subordinada ao propósito artístico da criação. Nessa, a beleza impera enquanto meio e fim de um projeto ilusionista.

Aqueles seres, fusões de pingüim e peixe, besouros e veados, gatos e pacas, sirís e aranhas e outros tantos, de tão bem feitos e acabados nos inclinam a admirá-los como belas mentiras que parecem verdades. A forma conduzindo a idéia, a idéia construída in-forma. O trabalho de Walmor Corrêa é design. Desenho de uma fauna inquietante que se vale da beleza aparente para questionar o imperativo filosófico da tríade Belo, Justo e Verdadeiro como existência unificada e harmônica.

De onde viriam essas criaturas? Da imaginação voluntariosa do artista demiurgo? Do medo sincero dos efeitos inimagináveis, e por isso mesmo alarmantes, do consumo alienado de alimentos transgênicos? Das pesquisas da engenharia genética pós- Dolly? Não importa, o que nos impacta é o fato de que num tempo onde a biossegurança se tornou uma questão política internacional, onde o progresso científico avança inexoravelmente e torna-se inevitável o convívio com organismos geneticamente modificados, onde se discute ética e genética em instâncias acadêmicas e governamentais, o trabalho desse artista existe, informa, acolhe e concorre heurísticamente com a biologia didática. Mas Walmor Corrêa não é um militante ecológico,

¹Realizada entre 30 de junho e 29 de setembro de 2002 no Santander Cultural, sob curadoria de Tadeu Chiarelli.

²Apresentada inicialmente nas Salas Negras do MARGS de 12 de agosto a 14 setembro de 2003, esta exposição deve, em breve, percorrer itinerância nacional.

alternativo-ambientalista. É, isso sim, um homem de seu tempo tentando ser artista, lúcido e politicamente correto, nem sempre nessa mesma ordem. E, se dentro desse contexto a abordagem feita pode parecer superficial para alguns, pode também ser a raiz e o cerne de um problema que se auto-gerencia pela não-solução, típica do cenário contemporâneo. Os animais apresentados em seus “Dioramas Cartesianos” são criaturas não-reais, porém possíveis. Jamais diríamos, considerando nosso ambiente cultural, que são criaturas irreais ou mesmo surreais. A vida ensina e arte imita, mas nem sempre nessa mesma ordem.

Desde a montagem da exposição, que cita os antigos museus de história natural, às anotações e previsões sobre a origem e a sobrevivência das espécies “descobertas”, até a nomeação dessas em latim inventado e em alemão - claro! A mais conceitual e filosófica das línguas. Tudo, nesse proceder artístico foi feito e pensado para seguir uma tradição modelar cartesiana e glamourizar delicadamente a transgressão dessa racionalidade em crise. Nada é aleatório. A distância crítica mantida pela citação não cria nem recria modelos para o futuro. Desconcertantemente ela problematiza o presente histórico em sua práxis. Por isso essa exposição precisa ser apresentada em museus de arte, com uma museografia própria de museus de ciências ou história natural. Assim a ironia desse jogo de aparências se faz presente, silenciosa e eficaz.

Notemos ainda a importância dos textos que acompanham as criaturas de Walmor Corrêa: pura ficção científica. Em breves relatos descritivos podemos descobrir não apenas a origem dessas espécies transitórias mas um manancial mitológico a ser explorado. Neles, percebemos um amor pelas palavras, uma certa curiosidade devota pelas definições e conceitos e sobretudo um reconhecimento respeitoso pela autoridade proferida no saber científico, metodologicamente escrito e publicado. Em grafite e letra cursiva miúda, suas anotações são narrativas ficcionais que, pós-modernamente, expõe a história subjetiva e subjetivada de seu criador. Quase ficção-históriográfica, humor e as vezes metaficção. Ao abranger a narrativa literária, histórica e teórica estes escritos convidam o público a desvendar o artista, através de sua autoconsciência teórica sobre a história, conjuntamente com a ficção enquanto criação do homem.

No conjunto de sua obra, vemos que tudo ali posto pode ser belo, pode ser justo e pode ser verdadeiro no plano das idéias e das formas, sem com isso apontar uma realidade idealizada nem desprezada. Pois, enquanto experiência estética, a obra de arte se vincula apenas a realidades simbólicas e, no espaço simbólico convergem o real e o imaginário numa possível relação de troca que leva a cabo a noção social de realidade. Ato que também neutraliza a conceituação dicotômica que opõe categorias do real e do imaginário. Assim, e por isso mesmo, tudo é factível pelo traço do artista e viável pela imaginação humana, instigada pelos perversos simulacros pós-modernos de uma natureza generosa e tecnologicamente inesgotável.

PERVERSA NATUREZA SEDUTORA

O olhar solto no tempo, examina imagens que se revelam nesta “Natureza Perversa”, onde inesperado nos surpreende. Mesmo prevenidos pela nomenclatura que Walmor Corrêa deu à sua mostra, somos imperceptivelmente envolvidos na armadilha, que ele preparou para os visitantes que se aventuram neste quase gabinete de curiosidade. Jogando com uma espécie trompe l'oeil, ele engana nosso olhar e também nossos sentidos, mas permite, por meios transversos, que a arte possa nos transportar para territórios indecifráveis e inacessíveis.

A arte na vivência do cotidiano, colada às exigências da contemporaneidade, aceita construções de inventários que resgatam a perda da memória, seja através de mitologias individuais, ou de registros de uma natureza ameaçada a esquecer sua origem. Nesta última, encontram-se as obras de Walmor, que aqui muda radicalmente seu caminho, embora, continue presente a soma do gesto seguro do desenho e o domínio da pintura, que marcaram seus trabalhos anteriores.

Temos diante de nós painéis com animais aparentemente familiares ou já conhecidos dos compêndios de zoologia. No entanto, algo nos inquieta. Uma dúvida se impõe. Alguma coisa não está em seu lugar habitual e foge ao controle. Pequenos detalhes atraem o olhar, causando sensação de estranhamento. Aos poucos, esses detalhes se tornam mais definidos, evidenciando uma fauna que se mostra em toda sua complexidade híbrida, deixando intuir a mescla das várias espécies. Exemplificando, ali se encontra o peixe hermafrodita com plumas e asas; a tartaruga roedora; a ave com cabeça de macaco; pássaro-gato; aves com presas de caranguejo. E mais inúmeras combinações de insetos, que poderiam ser resultantes da evolução genética que, no momento atual, abre possibilidades de criação de uma outra natureza. É possível detectar uma certa denúncia pela ameaça desses animais ainda... inexistentes. Há também o "Besouro Em ação- Programado para não voar", com olhos sob as asas, desafiando a ciência que justifica sua impossibilidade de voar e no entanto ele voa. Assim como a arte que, ao nos permitir usufruí-la em vãos impossíveis, prova a necessidade de sua existência.

Em “Catalogações” seus espécimes são batizados com nomes, da mesma forma insólitos, em alemão - “Möve mit Krallen” (Gaivota com garras) ; “Wirbeltierspinne” (Aranha vertebrada) ; “Amphibiem mit Schnabel” (Anfíbio com bico) - língua que permite também uma certa liberdade na junção inabitual de palavras, ou recebem uma fictícia denominação latina como o “Apterigiformes Aco II”, acompanhando a tradição acadêmica. A continuação de seu jogo irônico, segue com os títulos: "Diorama Cartesiano I e II", referência velada ao sentido de racionalidade, herança da filosofia cartesiana.

A linguagem realista, o preciosismo, o acabamento, a perícia técnica de Walmor, se ajustam às exigências de sua proposta e do momento contemporâneo; ao mesmo tempo em que tornam esses animais convincentemente verídicos, sendo quase impossível não acreditar na existência real dos mesmos. Mas o impacto maior ocorre quando tomamos consciência de termos caído na cilada da visão rápida, desatenta, que vê sem olhar. O olhar hipnotizado do observador, fixo a cada painel, parece corresponder à intenção de diálogo que o artista busca estabelecer. Diálogo este no mínimo dúbio, pois aos poucos se percebe que a - perversidade- não está unicamente nas

aberrações dessa natureza, mas sim, na situação de refém em que ele nos coloca e com a qual parece se divertir. Walmor estabelece uma relação na qual ele é o observador de nosso assombro frente ao exotismo que nos oferece. A situação parece então se inverter, e são as nossas reações que passam a merecer o olhar do artista.

Em seus trabalhos se percebe uma disciplina que, embora obedecendo a uma lógica própria, lembra os estudos dos entomologistas, sobretudo nas gavetas mostruários onde, insetos ordenadamente pintados lado a lado, estão afixados com alfinetes reais. Tal organização sugere a intenção de um colecionador, que cuidadosamente dispõe suas raridades, mas deixando sempre reservado o espaço da próxima conquista, que será sempre o objeto de desejo, o ainda inalcançável. Presente ainda o prazer do colecionador, que busca no olhar de admiração do outro sua realização.

O artista constrói este insólito universo, conjugando em sua estrutura pictórica duas dimensões: a visual e a narrativa. As inscrições são feitas à grafite numa ortografia que, embora legível, não tem o intuito de facilitar a leitura, mas de instigar a que cada um complete a narrativa por si mesmo. Nesta ele apresenta os hábitos alimentares, assim como o funcionamento dos órgãos internos, aparelho reprodutor, estágios de crescimento, anatomia comparada, e uma prospecção evolutiva de cada espécie. A medida que nos detemos para acompanhar estas identificações classificatórias, somos levados, cada vez mais, a acreditar na existência concreta desses animais. Tal veracidade, embora falsa, é reforçada, pelo relato minucioso, de estórias criadas para cada animal imaginário, que passa a ter vida autônoma, com peculiaridades como o "Wirbeltierspinne, que possui uma glândula que libera uma substância tóxica através de finíssimos ductos localizados no interior de seus dentes superiores, ao atingir a pele, tal substância causa vermelhidão na área seguida de acessos de riso que podem levar a vítima a literalmente morrer de rir por asfixia". Buscando amparo no rigor metodológico, ele nos mostra ainda os animais em várias vistas, através de cortes transversais, onde fica evidenciada a compleição física, a estrutura óssea, permitindo compreender de forma acessível sua fisiologia. Estes cortes são assépticos, indicando uma pseudo-neutralidade científica, ou podendo ser também resquícios de sua formação de arquiteto.

Walmor não navega por marés surrealistas. Suas imagens desestabilizam nosso olhar, mas gradualmente, de forma tranqüila. Não há exploração da ordem emocional. Seus bichos tão pouco são agressivos, seja em seu aspecto físico, em sua índole ou em sua expressão formal. Ao contrário, em alguns casos, há uma atração quase lúdica, lembrando uma ilustração infantil. Contrastando com toda a efervescência da narrativa, pela quantidade de informações, está a passividade transmitida também pelas cores suaves desses animais. Nesta natureza utópica eles estão em soltos em uma espacialidade silenciosa e serena, em telas de fundo em acrílico branco.

É possível acompanhar o caminho seguido pelo artista. Inicialmente através dos "Dioramas I e II" em grandes telas com múltiplos animais ambientados em uma natureza quase etérea, mas com espaços individualizados, onde cada um ganha destaque próprio. Seus Dioramas lembram cartazes instrutivos de zoologia do século XIX. Na série "Catalogações", ele elege um animal para, minuciosamente evidenciar sua evolução, seu meio ambiente, sua estrutura física. Em continuidade estão os grandes esqueletos monocromáticos que poderiam lembrar dinossauros de épocas remotas, ou ao contrário, a ampliação em grande escala de seus animais minúsculos.

Nestes a intenção quase obsessiva de catalogação parece chegar a seu extremo, nomeando todos os ossos de forma didática. É como se Walmor intencionasse despi-los de qualquer elemento complementar de encantamento. Agora é o esqueleto em sua essência, pureza, força, crueza lembrando um designo de morte, ou os restos de uma vida inexistente, mas sem morbidez. Porém, permanece ainda a mesma intenção do olhar clínico, sem emotividade, mas que continua envolvente.

Walmor nos mantém envolvidos a essa natureza perversa, porque a aparência que nos engana, também nos conquista, pela simplicidade de inventar uma natureza sedutora que pode maravilhar nosso olhar cotidiano.

BLANCA BRITES
Porto Alegre
No sol do inverno de 2003

APROPRIAÇÕES

Tadeu Chiarelli

Num primeiro olhar, esses trabalhos do artista pouco ou nada parecem trazer de inusitado. Pelo contrário: típicas pinturas naturalistas dedicadas à fauna, de início, o único fato a estranhar é esses trabalhos aparentemente de cunho didático (parecendo terem sido feitos para velhas aulas de biologia) estarem numa exposição de arte contemporânea.

No entanto, quando nos postamos frente a essas imagens meticulosamente pintadas, vamos percebendo aos poucos que ali não se trata exatamente de representações naturalistas de animais que povoam o cotidiano das matas do país. Na seqüência, percebemos também que, de fato, a verdade supostamente inerente à estética naturalista não passa de um mito passível de ser questionado por um talento mais perverso.

Como se tivesse deixado se impregnar pelo espírito de um artista viajante europeu ou americano do século XIX – tornado completamente louco frente à exuberância e ao esplendor da natureza brasileira -, Walmor B. Corrêa pinta seres totalmente improváveis, muito embora possuam uma familiaridade tornada horripilante.

Híbridos de mamíferos e insetos, pássaros e peixes, mamíferos e aves, mamíferos e peixes, esses seres criados por Walmor B. Corrêa falam de um mundo fantástico, representam a taxidermia de uma fauna fantástica que perturbam nossa percepção, sobretudo pelo fato de que, na atualidade, eles não se apresentarem mais como meras alucinações artísticas, mas como possibilidades científicas...

...esse arquivo de animais metamorfoseados e representados nas pinturas de Walmor B. Corrêa desafia nossa crença na verdade da estética do natural, embora, como foi dito, sinalize para uma natureza transformada em puro artifício e arbitrariedade.

Exposição Apropriações/Coleções – Santander Cultural, Porto Alegre, 2002.

PESQUISA, IMAGINAÇÃO E MENTIRA

Maria Amélia Bulhões

Doutora em História da Arte, curadora, crítica e professora do Programa de Pós-Graduação em artes visuais do Instituto de Artes da UFRGS.

...Combinando características de diferentes animais verdadeiros em um único e novo ente, ele realiza, no plano simbólico, o desejo de criar a vida e vencer a morte, que move a humanidade desde o princípio dos tempos. Desejo esse que hoje conduz o conhecido projeto Genoma e os procedimentos de clonagem.

O artista afirma que algo muito intenso se instalou em sua mente ao descobrir que, pelos estudos da estrutura do besouro, os cientistas especialistas em vôo afirmam que ele jamais poderia voar; e, no entanto, o animal voa. Esse fenômeno impossível da natureza é, para ele, ao mesmo tempo surpreendente e apaixonante. Suas criações estabelecem a genealogia de novas espécies, em que sutis combinações evidenciam secretos desejos, angústias e frustrações

Seu fazer esconde certa crueldade. Há, por vezes, latente no animal criado, a dor de uma condição que lhe foi imposta. Um peixe que, com suas asas, sai da água, se sufoca com o ar em seus pulmões; o sapo, com asas de libélula, a “Crisálida caudal”, não poderá sustentar seu corpo ao tentar voar com suas frágeis asas. Mas a dor básica de cada um desses supostos animais pode estar fundamentalmente em sua condição de marginalidade a qualquer espécie reconhecida.

O colecionismo assume aqui uma condição de onipotência levada ao extremo. Mas Walmor Corrêa parece estar consciente dos perigos que corre ao dar asas a sua imaginação e, ao brincar de Deus, deixa ainda evidentes os riscos dessa ousadia.

*In frondem crines, in ramos bracchia crescunt;
pes modo tam velox pigris radicibus haeret,
ora cacumen habet: remanet nitor unus in illa..*
Ovídio, *Metamorfoses*, I, 550 ss.

Quando criança, Walmor Correa passava as tardes a observar os animais que viviam no bosque defronte de sua casa. Na sua imaginação, a toca do tatu e o ninho do passarinho uniam-se em algum lugar, nas entranhas da terra ou da árvore, e o passarinho, passando da toca ao ninho, se transformava em tatu para sair andando. Outros caminhos escondidos levavam até o mar, e o tatu e o passarinho podiam transformar-se, a seu bel-prazer, em golfinho, caranguejo, gaivota...

As mutações das quais nascem os animais que povoam o bestiário em que o artista trabalha pacientemente há alguns anos descendem diretamente daquelas fantasias infantis, mas baseiam-se num estudo prolongado e numa precisão quase científica. Cada um dos animais criados por Correa é hipoteticamente possível, o artista mostra a mutação de cada membro, cada órgão, cada minúsculo ossinho ou cartilagem. A transformação não é apenas sugerida, é estudada durante muito tempo antes de ser “concretizada” sobre a tela; é, justamente, científica antes de ser poética. Assim como na metamorfose de Dafne em loureiro, narrada por Ovídio, nenhum detalhe é desprezado, a minúcia da descrição tranqüiliza o leitor e o ajuda a aceitar o milagre como autêntico.

A sobreposição de ciência e arte, principalmente no que se refere à descrição de plantas e animais, tem uma tradição cuja origem, no Brasil, remonta aos tempos das expedições científicas organizadas pelos reinos europeus para satisfazer sua curiosidade e sua sede de saber (e de riquezas). O papel dos artistas que participavam daquelas expedições não diferia muito do papel dos cientistas: a tarefa de ambos era observar, estudar e reproduzir. Em muitos casos, porém, a fidelidade da reprodução era prejudicada por algum vôo da fantasia. Aparentemente inserido nessa tradição, Walmor Correa na realidade opera uma inversão fundamental: em vez de inserir detalhes fantásticos numa representação substancialmente fiel da realidade, convida a um mundo inteiramente imaginário, que só tem em comum com o nosso a inflexibilidade das regras anatômicas.

Jacopo Crivelli Visconti

UNHEIMLICH *

Durante o meu processo de trabalho existe sempre a observação criteriosa e a pesquisa a partir de diferentes fontes científicas – livros de ciências e anatomia, compêndios e manuais de zoologia. Primeiramente eu formulo uma hipótese sobre a espécie e então estudo como ela pode ser cientificamente descrita nas suas características mais gerais como anatomia, fisiologia e hábitos.

Neste novo projeto trabalhei em uma direção diferente. Meus novos espécimes são mitos populares formados por híbridos de diferentes animais ou de animais e humanos em um único ser. Estas entidades habitam algumas das lendas mais populares do mundo e podem ser encontradas em várias mitologias. Ao representá-los por outra ótica, estaria reforçando a crença ou iluminando o desconhecido?

Tomemos como exemplo uma criatura fantástica - o Ipupiara, que, de acordo com os relatos de alguns escritores Portugueses de passagem pelo Brasil durante o período colonial, parece um homem marinho, homem-peixe. O jesuíta Fernão Cardim, dizia que tais criaturas tinham boa estatura, mas eram muito repulsivas. Matavam as pessoas abraçando-as, beijando-as e apertando-as até o sufocamento. Porque não desenhar a cavidade bucal de um espécime tão peculiar? E os seus órgãos internos, além de outras características que podem tornar a sua existência verdadeira? Um artista tem liberdade suficiente para explorar profundamente estes seres imaginários.

Antes de partir para a tela, é feito um estudo bastante minucioso. Através da pesquisa de diferentes fontes é possível que esses animais comecem a ser visualizados. Portanto uma quantidade considerável de leitura permeia toda a primeira parte do projeto. Depois com o auxílio dos esboços, uma visita a especialistas médicos ajuda a concluir esse processo criativo. É peculiar a reação de alguns profissionais da área médica ao se defrontar com possibilidades que fogem às descrições estabelecidas nos livros de anatomia já existentes, há algumas vezes certo desconforto e, em outras, uma satisfação seguida de gargalhadas.

Também é necessário viajar até os lugares onde a tradição oral mantém vivas as lendas e mitos e onde é possível coletar as histórias e os dados a partir dos quais eu obtenho subsídios para o meu trabalho. Dentre os lugares que mais me interessam, a Amazônia é, sem dúvida um local de parada obrigatória, já que foi de lá que boa parte das minhas idéias iniciais surgiram - logo após uma viagem de estudos e também com a leitura dos mitos e lendas amazônicas.

Além da Amazônia, outros locais também foram visitados de acordo com o seu folclore e crenças locais.

A partir do momento em que se está no local onde se acredita habitar uma criatura fantástica, é possível ver o seu habitat e conhecer seus hábitos, alimentação, paradeiro. Estas informações podem ser obtidas através de entrevistas informais com os habitantes da região.

Dentre estas criaturas, podemos citar as sereias, os sacis, o Capelobo (homem- tamanduá). Uma

fonte extensa de material para este trabalho pode ser encontrada nos diários de viagem dos europeus que estiveram no Brasil no início de sua colonização e nos livros do Câmara Cascudo. As descrições apresentadas por viajantes como o alemão João Nieuhoff na sua obra Gedenkweerdige Brasiliaense Zee en Lant Reize (1682) oferecem uma miríade de animais fantásticos que se relacionam diretamente com as crenças medievais sobre o Novo Mundo e seus seres exóticos. Minha idéia é descrever as funções internas destes seres, sua circulação, seus órgãos, etc. Como seria descrever os órgãos reprodutivos internos de uma sereia? Será que ele sofre de cólicas menstruais? Se ela habita tanto o ar como a água, como deve ser o seu sistema respiratório, quando em grandes profundidades qual será sua proteção contra a embolia?

No meu trabalho, desenho, pintura e escrita se juntam na descrição destes híbridos.

Pintei animais que já existem tomando o mito como ponto de partida. A partir daí meu objetivo é pintar estas espécies tão precisamente quanto seria esperado em um Atlas de anatomia interna.

Por último o título do projeto, "Unheimlich" (Freud - referente ao que não é doméstico, não simples, rude- um estudo que interroga o sentimento estético e questões do belo e da morte considerado por muitos o prenúncio da sua teoria das pulsões.). Este tema se relaciona com o que assusta, desperta medo e horror, ainda que a palavra não seja frequentemente usada num contexto específico, ela se refere ao que causa medo. Entretanto, nós podemos pensar que tal palavra possui uma sensibilidade especial que justifique tal uso conceitual do termo. A minha curiosidade é no sentido de descobrir que sensibilidade é essa e como ela nos capacita a distinguir o que é estranho ou esquisito dentre as entidades que nos assustam. Tal conceito perpassa a minha relação com as espécies que pretendo descrever e também daqueles que as vêem como criaturas reais. Com esse novo trabalho respondo às perguntas que fiz a natureza quando criança de acordo com a minha própria interpretação dos paradigmas da ciência. Minhas fusões de animais demonstram como a arte e a ciência podem dialogar e lançar uma nova luz sobre o mundo natural ou subverter esses paradigmas. Onde inicia um e acaba o outro ? A ciência pode se equivocar? Há um caminho a ser considerado no meu processo, e esse caminho é a filosofia!

* a partir do termo retirado Das Unheimlich (o estranhamente familiar Freud , 1919)

WUNDERKAMMERN E ARTE CONTEMPORÂNEA

Icleia Borsa Cattani

Figuras mitológicas em atlas de ciências, vísceras aparentes, organismos detalhados por meio de desenhos e textos descritivos como se se tratassem de seres reais. Sua fatura estabelece jogos de vai e vem com a história da arte. Elas são elaboradas ao modo do Renascimento, criando volumes e reentrâncias através de sfumatos e veladuras. Sobre essas formas que reproduzem seres, órgãos, músculos e ossos, 'a semelhança da realidade, o artista passa lápis grafite, tênues "teias" e contornos. De certo modo, ele inverte o processo do fazer tradicional, trazendo para o primeiro plano o que a pintura esconde no mais das vezes, o que constitui sua estrutura subjacente. Ao mesmo tempo, o pictórico recua, evidenciando códigos representativos da história das ciências.

Esqueletos de pássaros com sutis interferências, em posições de dança, em caixinhas de música nas quais ocupam o lugar das bailarinas. Eles criam ambigüidades, nem objetos de estudos científicos, nem representações de Vanitas ou de Memento Mori, com sua clássica carga dramática. Eles são, antes, figuras poéticas e frágeis, embaladas em suas circunvoluções pelos sons familiares e belos das antigas melodias.

Relógio cuco que marca as horas em ritmo acelerado, a tal ponto que sessenta minutos são reduzidos a trinta. Ele completa a sensação de estranhamento; objeto geralmente ausente dos espaços de arte, apresenta-se não só deslocado como anacrônico. Familiar nos lares de tantos imigrantes, ele é ilustrado pelo casal de pássaros e seus filhotes, o que reforça seu caráter afetivo e antigo. O anacronismo de sua própria presença é confrontado de forma paradoxal 'a aceleração do tempo.

Sala de exposição que remete a um espaço do passado, palaciano e carregado, com papéis de parede em cores fortes. Os Atlas do Ipujiara, do Capelobo, da Ondina, colocados sobre a parede do fundo, bem como as redomas das caixinhas de música e a vitrine, que ocupam o centro do espaço, todos criam um contexto dúbio, de distanciamento museológico e de atração pelo insólito. Essa sala nega o cubo branco moderno, mas vai além das atuais cenografias expositivas: ela faz parte da obra, constituindo, com os objetos, uma instalação contemporânea, quase uma obra in situ.

Walmor Corrêa cria um ambiente de extrema coerência. Ele alude aos Wunderkammern, Gabinetes de Maravilhas, que marcaram os séculos XVI e XVII nos países da Europa ocidental. Na Alemanha, esses continham coleções de curiosidades da natureza, estéticas e intelectuais, diferenciando-se dos Kunstkammern, Gabinetes de Arte. Ambos configuraram embriões dos museus modernos. Os Wunderkammern surgiram pelo alargamento do campo de conhecimentos e as inúmeras descobertas do século XVI (artes e letras da Antiguidade, ciências, civilizações não-ocidentais). Pode-se considerar como fatores que motivaram a criação dos Kunstkammern, a separação progressiva entre arte e religião, a valorização do artista que saiu aos poucos da condição de artesão e a instituição do mecenas como patrono laico e colecionador.

Essas novas situações remetem 'a progressiva consciência do ser humano em relação a si próprio e 'a natureza, portanto, ao seu lugar no mundo. A preocupação com a morte aparece de nova forma, aguda e angustiante.

Walmor apresenta essas questões num todo único, aproximando conjuntos de elementos que se assemelham em sua precisão, aqueles que constituem os seres vivos (e mortos), órgãos, músculos, esqueletos, e aqueles criados por mãos humanas, delicados mecanismos de relógio e de caixas de música. Seus seres vivos são híbridos e mutantes. Ele reúne assim, as diferentes categorias presentes nos Wunderkammern do passado - naturalia, os objetos e criaturas naturais; exotica, as plantas, os animais e os seres exóticos, onde podiam constar supostos elementos de seres fantásticos; científica, os instrumentos científicos e artificialia, os objetos criados pelos homens, algumas obras de arte da época como os trompe-l'oeil e as anamorfoses, ou as antiguidades então redescobertas. Por último, uma questão que ronda os museus desde seus primórdios. Ao tentar preservar para sempre organismos vivos, ao resgatar testemunhos de culturas desaparecidas ou em vias de desaparecer, ao guardar para o futuro as obras realizadas em determinado momento histórico, essas instituições sempre carregaram o fantasma da morte como pano de fundo aos objetos que preservam.

Memento Mori: lembra-te que vais morrer. A exposição de Walmor Corrêa congrega todos esses elementos. O artista constrói figuras compósitas, impossíveis. Ele refaz a antiga união entre arte, ciência e mito e joga com os referenciais do passado, subvertendo-os mediante uma inquietante exatidão.

Ele situa todos esses elementos dentro do contexto da arte contemporânea, na convergência das dessemelhanças, no cruzamento das diferenças. O caráter híbrido de suas figuras, que fundem os elementos diversos, é envolvido pelo contexto maior da mestiçagem. Essa não é fusão num todo indiferenciado, mas abertura ao heterogêneo que permanece em tensão. Tal é o espaço de algumas das melhores manifestações da arte contemporânea – as que não hesitam em assumir as pulsações contraditórias e irresolutas que constituem as obras em sua atualidade.

Porto Alegre, julho de 2007.

DEIDADES

Walmor Corrêa

Meu projeto atual tem por objetivo de dar continuidade aos meus trabalhos mais recentes. Inicialmente trabalhei com híbridos de animais criados por mim e mais recentemente com seres fantásticos da cultura popular brasileira que se caracterizam pelo hibridismo. Neste último desloquei os meus questionamentos dos postulados da teoria evolucionista para pintar uma descrição detalhada de aspectos anatômicos e fisiológicos de animais do folclore brasileiro que nunca antes haviam sido descritos em termos médicos, considerando que "Imagens são geralmente feitas para empregos radicalmente diferentes na arte e na ciência, mas eles possuem sinais claros do modelo estrutural de visão que compartilham como ponto de partida, desde que saibamos como e onde procurar por eles "(Prof. Dr. Martin Kemp).

Trabalho como um investigador cuja pesquisa mescla ferramentas de escrutínio científico não para produzir mais ciência, mas para renegociar a própria idéia do que é ou não científico. Durante o meu processo de trabalho existe sempre a observação criteriosa e a pesquisa a partir de diferentes fontes científicas - livros de ciências e anatomia, compêndios e manuais de zoologia . Primeiramente eu formulo uma hipótese sobre a espécie e então estudo como ela pode ser cientificamente descrita nas suas características mais gerais como, anatomia e fisiologia. Durante a fase de preparação das telas, são várias as fontes de que me utilizo para representar as espécies de forma acurada. Desde entrevistas com biólogos, zoólogos, médicos, até a busca de artigos em bibliotecas, universidades e na internet. É a partir da apropriação de todo esse manancial de estudo que posso partir para a desenho e pintura, organizando os dados que coletei da maneira que considero mais relevante para a apresentação da entidade. Podemos considerar esse, um trabalho interdisciplinar.

Tomemos como exemplo do meu processo de trabalho a história da Ondina, parte da série Unheimlich/2005. Ao pensar este animal, uma descendente das sereias no Brasil, primeiro me veio a mente, como comprovar a existência deste animal que habita água e terra? Como fazer para evitar os efeitos da alta pressão no seu cérebro? Através de um estudo mais aprofundado e alguns encontros com um neurologista, criei uma válvula jugular que abre ou fecha de acordo com a mudança de pressão atmosférica, o que permite que o animal passe do meio terrestre para o aquático automaticamente, encerrando o sangue no cérebro, permitindo assim que habite os dois ambientes sem maiores problemas. Assim cada animal tem a sua fisiologia analisada e suas características descritas de forma também médica.

Seguindo esse recorte de seres criados como híbridos de humanos e animais, observei as deidades da tradição Hindu como outro exemplo onde o mito se utiliza da interface humano-animal. Deslocando o foco dos seres mitológicos brasileiros para as divindades indianas, estou indo do habitante do imaginário mais popular para a mais alta hierarquia dos mitos, aqueles seres que segundo a definição de mito do filósofo e estudioso das religiões Mircea Eliade, são os personagens principais de histórias que contam o início do mundo como o conhecemos. Desmontar a estrutura interna desses seres não significa desvendar o seu mistério, mas dotá-lo de um cientificismo mais obsessivo. Como artista, opero como um agente móvel que penetra em campos de disciplinas científicas, exploro o conhecimento e as técnicas disponíveis nesse campo

e então crio uma situação de confronto em que pode surgir uma nova forma de entendimento. Meu trabalho parte da pintura e do desenho sobre tela, onde além das técnicas tradicionais de aplicação de tintas e aguadas acrílicas, desenvolvi um modo peculiar de sobreposição em camadas das cores, construindo com essas a própria pele dos seres apresentados. Para cada camada corresponde uma etapa de secagem com o auxílio de um secador de cabelos, que ao mesmo tempo em que seca também atua como um pincel que distribui a tinta e funde as cores e camadas.

A nova série segue a metodologia de trabalho aqui descrita e tem como tema criar quadros de estudo detalhados de diferentes aspectos dos seres que ilustram a mitologia hindu. Vishnu - o Deus preservador do Universo, por exemplo, possui um dos ciclos mais complexos dentre os Deuses Hindus. Ele possui dez encarnações, das quais quatro são representadas por seres não humanos: Matsya, o Deus híbrido homem-peixe, Kurma homem-tartaruga, Varáha homem-javali e Narasimha, o homem-leão e também Kalki, o homem-cavalo.

Outro personagem a ser estudado é Ganesh, filho de Shiva, guardião das portas e senhor dos obstáculos, nascido uma criança normal e após desobedecer seu pai, teve como castigo a cabeça cortada e depois substituída pela cabeça de Airāvata o elefante de Indra. Shiva então realizou o "transplante" e no final percebeu que somente após a operação, seu filho seria verdadeiramente ele mesmo.

A mitologia Hindu possui uma riqueza não só de personagens mas de estrutura narrativa. Muitas vezes quando lemos a saga de Vishnu, por exemplo, a Deidade se confunde com as suas materializações.

Outro ponto que chama a atenção é a presença de animais que se mesclam com a divindade. Várias culturas relatam um estágio inicial em que homem e animal se mesclavam como um ser intermediário entre a origem do mundo e o estágio atual. O mito sempre revela, investigar o mito das divindades como objetos de uma aula de anatomia renova o sentido da divindade ao lhe dar um caráter intrinsecamente humano e, por isso mesmo, uma autenticidade tanto no plano dos seres fantásticos, quanto das criaturas analisáveis pela ciência.

Antes de partir para a tela, é feito um estudo minucioso. Através da pesquisa das diferentes fontes é possível que esses animais comecem a ser visualizados e então descritos. Walmor Corrêa

SALAMANCA DO JARAU UMA VISÃO PESSOAL E CONTEMPORÂNEA

Walmor Corrêa

[...] Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada Salamanca, onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes de magia; e era numa furna escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria...

O condão estava no regaço de uma fada velha, que era uma princesa moça, encantada e bonita, bonita como só ela...

Num mês de quaresma, os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados a ajoelharem-se aos pés da cruz bendita... e bateram nos peitos, pedindo perdão...

Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nessas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas... riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a meia lua sobre a estrela de Belém...

E para segurança das suas traças trouxeram consigo a fada velha, que era uma formosa princesa moça...

E devia ter muita força o condão, porque nem os navios afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham, não sentiram...

Nem admira, porque o condão das mouras encantadas sempre aplastou a alma dos frades e não se importa com os santos do altar, porque esses são só imagens...

Assim bateram nas praias da gente pampeana os tais mouros e mais outros espanhóis renegados. E como eles eram, todos, de alma condenada, mal puseram pé em terra, logo na meia-noite da primeira sexta-feira, foram visitados pelo mesmo Diabo deles, que neste lado do mundo era chamado de Anhangá-Pitã e muito respeitado. Então, mouros e renegados disseram a que vinham; e Anhangá-Pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquelas campanhas e dessas serras era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, a fruta e as raízes que Tupã despejava sem conta, para todos, das suas mãos sempre abertas e fazedoras...

Por isso Anhangá-Pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados traziam...; e, pois, escutando o que eles ambicionavam para vencer a cruz com a força do crescente, o maldoso pegou do condão mágico – que navegara em navio bento e entre frades rezadores e santos milagrosos –, esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançado o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em Teiniaguá, sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele.

[...] E desfez-se a campanha até o dia da peleja da nova batalha. É chamada de salamanca à furna desse encontro; e o nome ficou pras furnas todas, em lembrança da cidade dos mestres mágicos.¹

¹LOPES NETO, Simões. *A Salamanca do Jarau*. In: LOPES NETO, Simões. *Lendas do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p. 26-30.

Assim narra Simões Lopes Neto (1865-1916) a chegada da formosa “princesa moura encantada”, protagonista de uma das mais vigorosas lendas do imaginário rio-grandense: a Salamanca do Jarau. A história foi compilada por Lopes Neto em *Lendas do Sul* (1913), obra fundamental da literatura nacional, que estabelece vários cruzamentos entre a cultura brasileira e a espanhola.

No mito, a salamanca é a caverna encantada, junto ao Cerro do Jarau, na qual viveria, em total exclusão, longe do convívio com as pessoas e permanentemente condenada à solidão, a princesa moura trazida pelos espanhóis, promessa de riquezas infinitas a quem a tivesse... Por meio do seu condão mágico, a princesa concederia a quem a encarasse a concretização de todos os desejos. Entretanto, apesar de assegurar a possível felicidade a seu portador, essa princesa era também amaldiçoada, uma vez que, para manter o seu poder, era obrigada a ficar em isolamento, em um lugar escuro e triste. Como se não bastasse, uma vez em terras brasileiras, teve sua rara beleza extirpada. O “diabo”, saudando-a e demonstrando que ele tinha mais poder, transformou-a em “teiniaguá”, ou seja, em uma espécie de lagartixa... Nessa condição, que tipo de convívio a princesa teria?

A lenda da Salamanca do Jarau me atrai de forma muito especial, sobretudo porque a personagem central é um ser mágico, híbrido de humano com animal. Esse tema é recorrente na minha poética e marca a série *Unheimlich* (2005) – que apresentei em 2006 nos Estados Unidos, integrando a mostra *Crytozoology*, e que participa, atualmente, da exposição itinerante *Trópicos* (2008). Quando tomei conhecimento deste edital, imaginei que seria uma excelente oportunidade de desenvolver um trabalho a partir do mito da Salamanca. Há vários motivos para isso. Primeiramente, o mito estabelece uma “ponte” entre a Espanha e o Brasil, já que, na história compilada por Simões Lopes Neto, a figura da “princesa moura e encantada” teria chegado aqui com os espanhóis. Depois, o mito é marcante na cultura do Rio Grande do Sul, estado onde vivo. E, além disso, a personagem encontra-se excluída e em vulnerabilidade, o que se relaciona à idéia sugerida pelo projeto.

Partindo dessas observações, formulei a presente proposta. Imaginei realizar uma investigação na Espanha, nos arredores da cidade de Mataró, apontada pelo edital. Em um primeiro momento, quero mapear a zona, percebendo algumas especificidades dos habitantes da região, principalmente das mulheres. Meu trabalho, aliás, será com mulheres. Pretendo entrevistar e documentar aspectos do cotidiano dessas pessoas que, devido a diversas necessidades, vivem, na maioria das vezes, em situação de exclusão. O que eu entendo, nesse caso, por exclusão: pessoas que vivem para trabalhar; pessoas que são esmagadas por uma máquina administrativo-financeira, constituindo, para seus empregadores, muitas vezes tão somente um “número”, um “registro”; pessoas que são empregadas como mão-de-obra barata; pessoas que, por estarem na roda-viva da sobrevivência, não conseguem, efetivamente, viver. O que uma situação dessas pode acarretar? Não somente tristeza, ansiedade e depressão, mas doenças que o corpo manifesta.

O meu interesse é, justamente, a partir da análise desses depoimentos e de posteriores conversas com médicos de hospitais da região, verificar quais órgãos humanos são mais danificados, quais órgãos sofrem mais em situações de vida como essas. Pergunto-me: como reage o coração de uma mulher que vive nessas circunstâncias? Seu rim seria afetado? Seu fígado sofreria?

Ao refletir sobre tal conjuntura, não posso deixar de pensar que tais mulheres tiveram os seus “sonhos de princesa” roubados. O mesmo aconteceu com a personagem que impulsiona este projeto. Embora ela seja, na lenda, uma princesa, teve não somente sua beleza e juventude arrancadas, como fora condenada a sobreviver isolada, na escuridão, certamente em estado depressivo e degenerativo... Também ela teria desenvolvido patologias orgânicas?

Tomando os apontamentos colhidos na pesquisa de campo, com as mulheres da zona de Mataró, quero traçar um paralelo com a personagem da Salamanca do Jarau. Partirei do desenho e da pintura e realizarei um estudo anatômico-fisiológico. Nele, representarei as seqüelas recorrentes nessas mulheres espanholas, especificando os órgãos mais atingidos. No entanto, farei a representação dessas doenças no corpo dissecado da também espanhola princesa, protagonista do mito.

É esse o projeto que gostaria de desenvolver. Ao mesmo tempo em que permaneço fiel à minha poética, articulando ciência, arte e fantasia, lanço uma provocação e um olhar diferenciados, ao discutir, por meio desse trabalho, aspectos sociais que afligem tantas pessoas na contemporaneidade.

Walmor Corrêa

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 2008 – MEMENTO MORI - Laura Marsiaj Arte Contemporânea – Rio de Janeiro – Brasil
2007 – MEMENTO MORI - Instituto Goethe de Porto Alegre – Porto Alegre – Brasil
2004 – CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIANTÔNIA, USP, São Paulo - Brasil
2003 – NATUREZA PERVERSA – MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli,
Salas Negras – Porto Alegre – Brasil
1997 – ESPAÇO CULTURAL BANCO DO BRASIL EUROPE – Brussels – Bélgica
1997 – GALERIA MOSAICO – Porto Alegre – Brasil
1997 – ZANCHI KUNSTGALERIE – Aalst – Bélgica
1995 – "FIGURACIONES" – Sala Almirante – Lugo – Espanha
1994 – ALESC – Florianópolis – Brasil
1993 – GALERIA ARTE & FATO, Porto Alegre, RS, Brasil.
1986 – GALERIA MERCADO ABERTO , Porto Alegre, RS, Brasil

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 2008 – ARTE PELA AMAZÔNIA – ARTE E ATITUDE – Fundação Bial São Paulo – SP – Brasil
2007 – OS TRÓPICOS - VISÕES A PARTIR DO CENTRO DO GLOBO – CCBB, Brasília – Brasil
2007 – A MARGEM DO REAL - Galeria Zouk - Porto Alegre - Brasil
2006 – CRYPTOZOOLOGY, H&R Block Artspace – Kansas City Art Institute Kansas City, MO, USA
2006 – CRYPTOZOOLOGY – Bates College Museum of Art, Lewiston, Maine , USA
2006 – ENTORNO DE OPERAÇÕES MENTAIS – Museu de Arte Sacra, Belém – Pará - Brasil
2005 – PANORAMA DA ARTE BRASILEIRA 2005 – MAM – Museu de Arte Moderna – SP – Brasil
2005 – EL DIABLO NO ES TAN FEO COMO LO PINTAN – Museu Nacional de Belas Artes,
Buenos Aires, Argentina
2005 – CONTRABANDISTAS DE IMAGENES – Museu de Arte Contemporânea, Santiago, Chile
2005 – THE BRAZILIAN EXPEDITION OF THOMAS ENDER RECONSIDERED
Academia de Belas Artes, Viena, Austria
2004 – XXVI BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO – Fundação Bial de São Paulo – SP –
Brasil
2004 – ESTRATÉGIAS BARROCAS – ARTE CONTEMPORÂNEO BRASILEÑO – Centro Cultural
Metropolitano de Quito – Quito – Equador
2002 – APROPRIAÇÕES/COLEÇÕES – Santander Cultural, Porto Alegre, RS, Brasil
1999 – ARTE NO MERCOSUL – Punta del Este, Uruguai
1998 – PANORAMA DE ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA – Berlin, Alemanha
1997 – ZANCHI KUNSTGALERIE – Aalst, Bélgica
1996 – CIC/ CENTRO INTEGRADO DE CULTURA – Florianópolis – Brasil
1994 – GALERIA DE ARTE DETURSA – Madrid, Espanha
1993 – Museu de Arte Brasileira Fundação Armando Alvarez Penteadó,
SEBRAE Brasília, DF, Brasil
1993 – CINEMA E PINTURA – Museu da Reitoria da Universidade Federal do RS, Porto Alegre –
RS, Brasil
1991 – GRAVURA - Instituto Estadual de Artes Visuais – Porto Alegre- RS – Brasil
1986 – FUNDARTE – Montenegro – RS – Brasil

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

2007 – Fundação Sacatar – Ilha de Itaparica – BA - Brasil

PRÊMIOS

2008 – PRÊMIO AÇORIANOS - DESTAQUE EM ESCULTURA
Walmor Corrêa, pela exposição Memento Mori, no Instituto Goethe

2008 – PRÊMIO AÇORIANOS - ARTISTA DESTAQUE ESPECIAL DO ANO 2007
Walmor Corrêa, pela exposição Memento Mori, no Instituto Goethe